

Economia

50

PLATAFORMAS. Esse é o número de embarcações em operação atualmente em águas brasileiras, segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP), que quer reforçar a segurança operacional da exploração no Brasil.

AJ10.428

Petróleo. Acidente deixou claro que o setor precisa de tecnologias cada vez mais avançadas

Ouro negro: quando o risco vem das águas profundas

Especialistas dizem que o que aconteceu mudará a relação das petroleiras com o meio ambiente

DENISE ZANDONADI
dzandonadi@redgazeta.com.br

■ Cantado em verso e prosa como parte do terceiro círculo de prosperidade do Espírito Santo e visto como uma grande possibilidade de geração de emprego, renda e impostos, o petróleo também tem gerado cada vez mais apreensão, principalmente depois de acidentes como o que aconteceu com a plataforma que explodiu e levou uma enorme macha de óleo para o Golfo do México.

O acidente deixou claro que o setor petrolífero precisa de tecnologias cada vez mais avançadas, além de planos bem estruturados para combater acidentes que envolvam vazamentos no mar e que representem problemas graves para o meio ambiente.

Especialistas afirmam que a situação do litoral do Golfo do México é diferente do litoral capixaba. "É claro que vazamentos e acidentes deste tipo podem ocorrer aqui. Porém as correntes marítimas são diferentes no litoral da Região Sudeste e se houvesse um vaza-

No fundo do mar

Entenda o que ocorreu no vazamento de óleo da plataforma nos EUA e se há o risco de o mesmo acontecer por aqui

Acidente nos Estados Unidos

Na noite de 30 de abril, a plataforma **Deepwater Horizon**, operada pela Transocean, a serviço da British Petroleum e que custou **US\$ 350 milhões** de dólares para ser construída, em 2001, sofreu uma explosão, seguida de incêndio.



O que aconteceu?

Documento anônimo que está circulando pelo meio petrolífero há alguns dias, afirma que o desastre no Golfo do México ocorreu devido a uma falha técnica associada a um erro humano: o óleo ou gás teriam entrado no revestimento da tubulação do poço, e a tripulação teria demorado a acionar os equipamentos de segurança, que impediriam que os fluidos chegassem à plataforma sem controle e provocassem o incêndio



Entenda com funciona a perfuração de petróleo

Plataformas

As plataformas utilizadas para produzir petróleo no litoral do Espírito Santo, assim como no Brasil, são do tipo fixa e do tipo FPSO (navio-plataforma). No caso do Estado, existem mais explorações em navios

Fixa

- É um tipo de plataforma com estrutura de sustentação que se apoia sobre o fundo do mar e possui altura variável. Pode executar operação de produção e perfuração.
- Plataforma fixa produz mas não armazena o óleo ou gás. Os dois produtos são transportados por gasoduto e oleoduto para refinarias ou postos onde serão processados

FPSO - navio

- Sigla que em inglês significa plataforma flutuante em um casco modificado de um navio que produz, armazena e descarrega petróleo
- A plataforma do tipo FPSO é móvel e permite o armazenamento e descarregamento do óleo. Vem sendo muito utilizada no Brasil e no litoral do Espírito Santo.
- Nos Estados Unidos, os órgãos ambientais não têm liberado este tipo de plataforma porque temem a ocorrência de acidentes já que os navios podem afundar, por exemplo, quando estiverem cheios

Brasil terá plano nacional de contingência

■ O Ibama já apresentou na última sexta-feira detalhes dos planos de contingência que serão colocados em prática, em casos de acidentes com as plataformas de petróleo da Bacia de Campos. Entre as medidas, constam a consolidação de um plano nacional de contingência, a formação de um gabinete de crise e a regulamentação do uso de novas tecnologias no combate a vazamentos, como queima de óleo e o uso de dispersantes, utilizados no Golfo do México. Uma nova reunião foi marcada para os próximos 30 dias, na qual estarão reunidos representantes de todos os Estados costeiros produtores de petróleo.

Exploração em mar deve ficar ainda mais cara

Companhias terão

mento deste tipo demoraria muito mais tempo para o óleo chegar na costa, por exemplo”, explicou o professor do curso de Petróleo da UVV, José Luiz Gasparini, que tem formação em Engenharia Ambiental.

Isso não significa que se poderia relaxar nos cuidados no licenciamento ambiental e em relação às tecnologias a serem adotadas. “Ainda não se sabe ao certo o que ocorreu no Golfo, mas a válvula de segurança deveria ter fechado o poço quando ocorreu a explosão, o que não aconteceu. O resultado foi o afundamento da plataforma, o desaparecimento de 11 trabalhadores e o vazamento de óleo por todos estes dias, isto é, o esquema de segurança não funcionou como deveria”, afirmou ele.

RESPOSTA

Para o secretário estadual de Desenvolvimento, Márcio Félix Bezerra, que na semana passada esteve em Houston, Texas, para participar da feira mais importante de petróleo do mundo, a pergunta que todos fazem agora é: “Que tipo de resposta a indústria precisa dar nas suas principais províncias petrolíferas a todos estes questionamentos?”

O que aconteceu mudará a relação da indústria petrolífera com o meio ambiente, acredita ele. “A própria British Petroleum, responsável pela plataforma que explodiu, demonstrou que tinha um plano de contingência, agiu com rapidez, mas isso não foi suficiente para conter o desastre”, destacou.

A proporção a que chegou o vazamento nos EUA já provocou o governo do Rio e o Ministério do Meio Ambiente a formarem um grupo de trabalho para prevenção de riscos em plataformas no Brasil. Formado por integrantes do Ibama, da secretaria estadual de Meio Ambiente, da Petrobras e da UFRJ, o grupo quer saber da companhia de petróleo qual é o plano de ação no caso de um acidente como o dos Estados Unidos. O grupo deverá manter contato também com o governo do Espírito Santo para que o trabalho seja estendido para as plataformas do litoral capixaba.



O desafio ambiental a partir de agora

- A partir da ocorrência no Golfo do México, o desafio será fazer a prevenção e, em paralelo, preparar empresas, Estados e municípios para reagirem o mais rapidamente possível em caso de ocorrência de problema semelhante no litoral brasileiro

- Exigir das empresas tecnologia moderna para o controle do processo produtivo é outra medida que especialistas indicam para o país adotar

- Em 2000 e 2001, acidentes no Rio e no Paraná atingiram áreas de preservação ambiental e provocaram críticas sobre o tempo de reação da Petrobras para conter o óleo. Após os acidentes, a Petrobras alterou sua política de meio ambiente e segurança, criando novos centros de controle de vazamento em oito Estados.



O investimento, de **R\$ 164 milhões**, foi para ampliar o número de equipamentos e reduzir o tempo de resposta na contenção de vazamentos.

A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

Alasca ainda sofre 20 anos depois

Acidente com Exxon Valdez provocou o vazamento de 40 milhões de litros de óleo cru no mar

■ No dia 24 de março de 1989 o navio petroleiro Exxon Valdez naufragou no Estreito de Prince William e causou um derramamento de 40 milhões de litros de petróleo cru, que se espalhou por 28 mil km² de oceano e mais de 2 mil km² da costa do Alasca.

O derramamento causou

um desastre na fauna local, com a morte de centenas de milhares de aves marinhas e outros animais. Os esforços para recolhimento e limpeza do óleo duraram três anos e mobilizaram 11 mil pessoas, mas as consequências ambientais e a batalha jurídica duram até hoje.

Duas décadas mais tarde, ainda restam 95 mil litros de óleo na região, a maior parte debaixo da terra, segundo um estudo publicado em janeiro deste ano na revista “Nature Geoscience”. A baixa permea-

bilidade do solo e a falta de oxigenação do mar na região seriam as responsáveis por esse fenômeno.

A ExxonMobil, dona do cargueiro, desembolsou mais US\$ 2 bilhões para limpar os trechos da costa contaminados, US\$ 300 milhões em indenizações para pescadores e habitantes locais, além de US\$ 900 milhões em processos penais dos governos dos Estados Unidos e do Alasca.

No ano passado, uma ação civil de mais 30 mil vítimas do vazamento, que pedia US\$ 5

bilhões em indenizações, chegou à Suprema Corte americana, que julgou o valor excessivo e o reduziu a US\$ 500 milhões de dólares.

O vazamento do Exxon Valdez trouxe várias lições. A indústria petroleira teve que rever suas práticas, adotando navios-tanque e procedimentos mais seguros, já que o acidente foi causado por uma sucessão de erros de sua tripulação. Também foi uma boa oportunidade para a comunidade científica aprender como lidar com desastres ambientais.

que gastar muito mais com seguros e com desenvolvimento de novas tecnologias

■ “O acidente nos Estados Unidos deverá trazer muitas mudanças no setor de petróleo. Aliás, já está provocando alterações tendo em vista que o presidente norte-americano Barack Obama já determinou o adiamento de novas licenças para perfuração e operação na região do Golfo e no Alasca, pelo menos até o final do mês. Esta medida já é consequência direta do desastre de dias atrás”.

Quem fala é o especialista em infraestrutura Adriano Pires ao analisar o que acontecerá com a indústria do petróleo a partir do acidente no litoral do estado da Louisiana. “Acredito também no inevitável: a exploração de petróleo no mar ficará muito mais cara. Não há como fugir disso”, acredita Pires.

Assim como o acidente com o navio Exxon Valdez, que aconteceu em março de 1989 e provocou uma série de mudanças nas regras de segurança tanto no transporte marítimo quanto na produção no mar, Pires avalia que a situação de agora, também nos Estados Unidos, poderá alterar muitas coisas.

“Mais equipamentos de segurança, principalmente na cabeça dos poços e nas próprias plataformas, além de seguros mais elevados, certamente provocarão aumento nos custos de exploração e produção em todo o mundo”, avalia ele. E isto mudará o mercado mundial de petróleo e valorizará o segmento de energias limpas e renováveis, o que é bom para o Brasil, analisa o especialista Pires.

No Brasil, Pires acredita que o reflexo será, também, o encarecimento da produção na camada do pré-sal. “O acidente nos Estados Unidos ocorreu numa região de produção que fica a 1,6 km da costa. Alguns campos na Bacia de Santos estão a mais de 300 km de distância da costa e a mais de 6 mil metros de profundidade. Tudo isso encarecerá mais ainda a produção”, acredita Pires.